



ECOLOGIA ESPIRITUAL E PATRIMÔNIO BIOCULTURAL

Eraldo Medeiros Costa Neto – eraldont@hotmail.com

Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, Bahia, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-0278-1974>

RESUMO: Ecologia Espiritual é tida como um conjunto de práticas de espiritualidade ligadas à ecologia, no sentido da internalização de sentimentos e procedimentos ecológicos que passam a ser vistos, nesse contexto, como mediação religiosa na busca do sagrado. Espera-se contribuir para inspirar novas formas de entender a relação entre Sociedade e Natureza e estimular abordagens de pesquisa e gestão que favoreçam a imprescindível reconexão que vá além daquilo que pode ser visto e tocado. Daí a importância da uma prática pedagógica pensada e planejada para um novo ativismo ecológico, um que seja ambiental e espiritualmente voltado para trazer a magia da conexão com a natureza de volta à vida humana.

PALAVRAS-CHAVE: Mística; Unicidade; Diversidade biocultural; Xamanismo.

1 INTRODUÇÃO

Toda comunidade humana inicia suas atividades e modos de cultura, hábitos, comportamentos e relacionamentos a partir dos ecossistemas onde ela nasce. Por isso não existe nenhuma sociedade humana, por mais complexa e tecnológica que se apresente, que não dependa de uma relação com o que os antigos povos chamavam de Mãe Terra, seja por uma questão de dependência de recursos materiais ou devido às conexões arquetípicas (METZNER, 2002). Segundo a Ecologia Abrangente de Marques (1995), os seres humanos mantêm cinco conexões básicas com o Universo, são elas: Mineral, Vegetal, Animal, Hominal e Sobrenatural. Estas bases conexas se fazem fortes ou fracas a depender do nível de interatividade que as sociedades humanas, transcultural e atemporalmente, estabelecem com e entre elas.

Em uma perspectiva da integração entre ecologia e espiritualidades, entre as diversas cosmovisões que sustentam as origens cosmogônicas dos seres humanos, desde tempos imemoriais, o conceito de patrimônio ou herança biocultural é chave para compreendermos como a espécie *Homo sapiens sapiens* lida com o fenômeno de ser e estar no mundo, em relação direta e indireta com todos os demais elementos do ambiente, sejam estes bióticos ou abióticos, físicos ou extracorpóreos (dimensão espiritual). A manutenção de uma relação biocultural depende da transmissão intergeracional de conhecimentos. Este conjunto de informação é referido como conhecimento ecológico tradicional (TEK) e é um corpo cumulativo de saberes (*corpus*), práticas (*praxis*) e crenças (*kosmos*), o qual é gerado, transmitido e modificado em resposta às mudanças socioambientais (TOLEDO, 2013).

Originalmente, o termo Homem vem de **húmus**, que significa terra fecunda. Adão, **Adam** em hebraico, “criatura humana feita de terra”, provém de **Adamá**, que quer dizer Mãe-Terra. O ser humano é filho e filha da Mãe-Terra. Ele é a Terra em seu momento de consciência, de responsabilidade e de amor. Estas palavras, **Homo-humus**, **Adam-Adamá**, já apontam para a estreita relação do ser humano para com a Terra e através da Terra para com todo o Universo. É nesta conexão que devemos buscar a identificação de sua natureza e de sua missão (BOFF, 2006, p. 55).

Para Ted Andrews, autor de *Animal chamán* (2013), grande parte da humanidade perdeu o laço instintivo com os ritmos e padrões da natureza e, com isso, perdeu também a realidade da magia. A Natureza tenta nos demonstrar diariamente que *toda* forma de vida é capaz de nos ensinar algo. Segundo o autor, “Quando aprendermos a escutar a Natureza, conseguiremos demolir nossas percepções caducas. Descobriremos que a criação mágica é a força vital inerente em todas as coisas. E é isto, acima de tudo, o que a Natureza ensina a aqueles que estão dispostos a aprender com Ela” (ANDREWS, 2013). Os povos indígenas e comunidades tradicionais de todo o mundo, quando vivem à luz de suas tradições e sistemas de crenças, ainda mantêm-se conectados instintiva e afetivamente aos ritmos e padrões ditados pela Natureza. Neste sentido, buscar alinhar-se a um modo espiritualmente ecológico de estar e ser no mundo é resgatar esse aspecto mágico de viver conforme os padrões e ensinamentos da Mãe Terra.

Dentre as diversas formas de o ser humano perceber-se ecologicamente no mundo, numa perspectiva ontológica, tem-se, de um lado, a ecologia rasa ou superficial, orientada numa visão antropocêntrica, segundo a qual os seres humanos encontram-se situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, atribuindo apenas um valor instrumental, ou de “uso”, à natureza. Por outro lado, a ecologia profunda percebe o Universo como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes (NAESS, 2007). Reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular da teia da vida (LOVATTO et al., (2011). O indivíduo tem uma sensação de pertinência, de conexão com o cosmos, ficando claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda (CAPRA, 1996). De acordo com Capra,

Não é, pois de se surpreender o fato de que a nova visão emergente da realidade baseada na percepção ecológica profunda é consistente com a chamada filosofia perene das tradições espirituais, quer falemos a respeito da espiritualidade dos místicos cristãos, da dos budistas, ou da filosofia e cosmologia subjacentes às tradições nativas norte-americanas (CAPRA, 1996, p. 17).

2 ECOLOGIA ESPIRITUAL NA PERSPECTIVA DO XAMANISMO

O poderoso ressurgimento da atitude respeitosa e reverencial para com a Terra e todas as suas criaturas parece ser uma consequência natural das experiências xamanísticas. E este retorno do xamanismo pode ser visto como uma ampla resposta mundial à degradação do ecossistema e da biosfera: uma tomada de atitude na qual se inserem alguns movimentos fortemente enraizados na ecologia, tais como o ecofeminismo, o biorregionalismo, a ecopsicologia, a medicina herbática natural, a agricultura orgânica e outros (METZNER, 2002).

Mas afinal, o que é Xamanismo? Em linhas gerais e de modo bem resumido, haja vista a farta literatura a respeito, xamanismo pode ser pensado como a maneira sagrada de ver a vida, de viver, de relacionar-se com o cosmo, o Planeta e todas as formas de vida que nele existem, além de conviver harmonicamente com os outros níveis da realidade não-comum (PUTOVÁ, 2013). Xamanismo é um estado de consciência, encontrado em todas as épocas, desde o surgimento do primeiro homem sobre a face da Mãe Terra, desenvolvido para compreender o meio ambiente e viver pacífica e harmonicamente com ele (SOUZA DE PAULA, 2014).

A palavra xamã, originária do idioma dos Evenk, um pequeno grupo de caçadores e pastores de renas da região de Tunguska, Sibéria, significa *aquele que tem o conhecimento, o que conhece os segredos, o que detém o poder de visitar os outros mundos*. No sentido mais estrito, refere-se ao praticante que dá permissão a seu espírito deixar o corpo permite e adentrar ao mundo superior ou inferior (VITEBSKY, 1997).

Desde a perspectiva indígena, existe o Grande Espírito, assim como a existência de espírito individual em todas as coisas vivas. Através da Teoria de Gaia, demonstra-se que a Terra é um organismo vivo que sustém a vida. Como salienta Pam Montgomery,

[...] a própria natureza da Terra é de espírito, assim como a Terra e tudo o que ela fornece, não haveria vida ou vitalidade. [...]. Nossa conexão com o espírito começa com nossa conexão com a Terra e os elementos que sustentam a vida. É aqui no mundo natural que nossa conexão com o espírito é facilmente encontrada e fácil de experimentar, porque é intrínseca à terra (MONTGOMERY, 2008, p. 58-59).

As práticas xamânicas pretendem ampliar o coração, inspirar o discernimento, a sensibilidade e crescer dentro de cada um tudo aquilo que é essencial, crescer em consciência. No xamanismo, existe uma profunda devoção à vida em todas as suas formas. Essa devoção é expressa pela atitude interior da gratidão e pela expressão exterior de cuidado na relação com o lugar onde se vive, no tempo-espaço. Uma vez que o pensamento xamânico é flexível e adaptável, frequentemente persiste mesmo nas sociedades urbanas complexas (VITEBSKY, 1997; LISBOA, 2012).

O templo é a própria Natureza. Tudo se torna sagrado na espiritualidade natural (VITEBSKY, 1997). Assim, o Céu torna-se o Pai, que ensina o caminho das estrelas e das origens ancestrais. A Terra

torna-se a Mãe, que ensina os caminhos das relações, das integrações e da evolução na matéria. O grande Avô é o Sol, que ensina a sabedoria dos ciclos e do círculo da vida; a Avó Lua, com sua serenidade, ensina a arte de sonhar e os mistérios que iluminam os caminhos pelas noites da vida. As Árvores e os Vegetais tornam-se o Povo em Pé; as Águas, o Povo das Águas; o Trovão, o Espírito do Trovão; as Pedras, o Povo de Pedra e todos os Animais tornam-se os Irmãos mais jovens, cada um com sua medicina particular. Tudo possui uma energia vital, uma força, um espírito. Tudo se torna sagrado (SOUZA DE PAULA, 2014).

3 ECOLOGIA ESPIRITUAL

Ecologia espiritual refere-se a uma ideia holística de saúde relacionada ao exercício físico, mental e espiritual entre pessoas ecologicamente orientadas. Um conjunto de práticas de espiritualidade ligadas à ecologia, no sentido da internalização de sentimentos e procedimentos ecológicos que passam a ser vistos, nesse contexto, como mediação religiosa na busca do sagrado (CARVALHO e STEIL, 2008). Cabe salientar, no entanto, que a experiência com o sagrado não significa necessariamente a crença em deuses ou espíritos, mas na existência de algo abstrato que de alguma forma pôde se tornar concreto (MARCHI, 2002). Dessa forma, hábitos ecológicos de cuidado responsável para com o ambiente e a natureza passam a fazer parte de sistemas de crenças religiosas que visam situar o sujeito no mundo, na sociedade e na natureza, e ao mesmo tempo de uma experiência do sagrado, no sentido de que a reconexão com a natureza passa a fazer parte de um sistema de crenças ecológicas (CARVALHO e STEIL, 2008).

Preocupação com o planeta e a descoberta cada vez mais íntima de si, isto é, o desenvolvimento de uma relação imediata com a natureza abre o caminho para a integração pessoal (*religare*) com uma totalidade. Assim, essa experiência remete à realização de um bem-estar físico, mental e espiritual que torna indissociável a saúde do planeta e do indivíduo (SALVI, 2000). Arvay (2018) comenta sobre o efeito da biofilia, isto é, a interconectividade que os seres humanos mantêm com a natureza, e nos mostra como nos beneficiarmos em estar na natureza, uma vez que à medida que nossos corpos, psiques e almas se curam, o mundo se tornará um lugar melhor para todos, porque nossas profundas raízes evolutivas da natureza nos permitem aceitar quem realmente somos e nos levam a formar e manter relacionamentos amorosos e cuidadosos com todos os nossos parentes (numa visão xamânica). A cura para um levará à cura para todos (BEKOFF, 2014).

Numa visão de mundo ecologicamente orientada, os sujeitos buscam o sagrado e a si mesmos em lugares, espaços rituais e peregrinações onde a natureza tem um papel protagonista. Carvalho e Steil (2008) cometam sobre o deslocamento da transcendência para a imanência, significando que o Deus das

religiões de transcendência, colocado fora do mundo, vai pouco a pouco dando lugar a um Deus no mundo, que aparece sob a forma de energias e vivências de tipo psíquico-místico, caracterizando o que tem sido denominado de religiões do *self*.

A ideia de cultivo de si é trabalhada pelos autores em dois sentidos: um que remete ao sujeito (*self*) e o outro ao ambiente. Quando referido ao sujeito, o cultivo de si incorpora um conjunto de práticas autoeducativas que vamos identificar como uma forma de ascese no mundo, que visa ao aperfeiçoamento pessoal por meio do cuidado do corpo (alimentação saudável, exercício físico, uso de medicinas alternativas) e da alma (saberes relativos a novas formas de espiritualidades, terapias alternativas, meditação etc.). Relaciona-se com a proposta da Ecologia de si, que se origina de uma inter-relação complexa com o Si mesmo (LEAL e GALEFFI, 2017). Segundo esses autores, as práticas ecológicas fortalecem as relações de cuidado das tradições de cultura popular e das práticas integrativas e complementares de saúde como caminho que busca as origens de cura e autocura do ser em um viver mais conectado com a natureza.

Já o cultivo do ambiente refere-se fundamentalmente à preocupação ecológica com a sustentabilidade da natureza, a educação ambiental e a sobrevivência do planeta, tais como: consumo ecológico, reciclagem e reuso de resíduos, arquitetura agroecológica etc. (CARVALHO e STEIL, 2008). Lauren de Boer (2005) enumera os princípios para uma relação sagrada com a Terra viva:

- Relação sagrada em que reconhecemos e honramos o Espírito que nos traz à independência e, ao fazê-lo, vivemos em relações sagradas;
- Evolução consciente onde ativamente exploramos como nós, como indivíduos e como uma espécie, podemos nos mover em direção a um estilo de vida que incorpora relações mutuamente fortalecedoras com todas as formas de vida e sistemas naturais da Terra e, ao fazê-lo, vivemos em conexão e reverência por toda vida;
- Sabedoria coletiva onde nós honramos a essência das tradições de sabedoria do mundo como fontes importantes para aprender valores de compaixão, reverência e gratidão e, ao fazê-lo, despertamos para uma sabedoria mais profunda e contemporânea;
- Envolver-se em experiências de aprendizado mútuo à medida que criamos uma comunidade da Terra ouvindo e falando do coração e, ao fazê-lo, somos informados pela sabedoria e compaixão uns dos outros;
- Escolha consciente onde reconhecemos que nossas escolhas diárias, mesmo as pequenas e habituais, têm um impacto sobre as espécies da Terra de maneiras benéficas e destrutivas e procuramos promover estilos de vida que levem à justiça social, sustentabilidade e segurança ecológica para toda a vida na Terra e, ao fazê-lo, vivemos com intenção consciente;

- Inclusão onde abraçamos os desafios e as alegrias de pontos de vista e valores verdadeiramente diversos em todas as áreas da vida, a fim de aceitar e compreender melhor a profundidade da experiência de cada um e valorizar a diversidade de vida da Terra e respeitar os direitos de cada espécie expressar-se e, ao fazê-lo, fomentamos e encorajamos os dons únicos uns nos outros e em toda a vida;
- Nós celebramos o papel humano como um agente positivo que aumenta a vida na história da Terra e, ao fazê-lo, vivemos a maravilha e o mistério do Universo vivo.

4 BIOCULTURALIDADE

Não se deve separar o estudo e a conservação da biodiversidade do estudo e conservação das culturas (LÉVÊQUE, 1999). Pesquisas em diferentes setores das ciências humanas e biológicas corroboram o seguinte axioma: a biodiversidade do mundo apenas será conservada efetivamente se se conserva igualmente a diversidade de culturas e vice-versa (POSEY, 1999; MAFFI e DILTS, 2014).

Os estudos etnoecológicos estão resgatando a memória, a outra memória (TOLEDO, 2013). Ao documentar esses conhecimentos, a ciência recupera a memória da espécie humana e ao mesmo tempo mostra que não existe natureza isolada do humano. Para Toledo e Barrera-Bassols (2008), memória biocultural refere-se ao conjunto de experiências acumuladas e transmitidas de geração a geração, e funciona como uma reserva mnemônica que permite às sociedades humanas adaptarem-se a um mundo complexo que está constantemente em transformação. Esses autores introduzem o conceito de diversidade, riqueza ou legado biocultural com base em três critérios: biodiversidade (riqueza de espécies), etnodiversidade (geralmente número de línguas) e agrodiversidade (áreas de domesticação e diversificação de plantas e animais domesticados).

A dimensão espiritual da bioculturalidade manifesta-se, por exemplo, nos diversos seres encantados que habitam na natureza. Alguns espíritos vigiam os animais de caça, enquanto outros não têm nenhuma tarefa específica a não ser assediar aqueles que se aventuram nas profundezas da floresta. Vários desses espíritos habitam árvores; outros adotam a forma humana e punem aqueles que abusam da providência da natureza (SMITH, 1983). Exemplos de espíritos guardiões da floresta Amazônica são, por exemplo, mãe de seringa, curupira, cape-lobo, mãe de piassava e tapirê-iauara, que ajudam a preservar os recursos da floresta criando zonas de não caça e não pesca.

Os indígenas cumprem a missão de manter vivos os rituais que sustentam o resto da natureza em andamento. Eles tratam os animais com respeito porque acreditam que os animais possuem “donos”, espíritos que respondem à ganância e à intemperança. Caso os homens quebrem as regras da caça, os espíritos dos animais caçados falariam com os espíritos dos animais vivos e os encorajariam a abandonar

o território ou infligir doenças aos caçadores. O medo dos espíritos impõe um limite superior ao número de animais mortos. A quebra de confiança nos espíritos animais, por conseguinte, leva à matança desenfreada (STEINHART, 1984).

Outro exemplo da relação entre bioculturalidade e espiritualidade nos mostram Markandya et al. (2008), que avaliaram os impactos sociais e econômicos da diminuição de três espécies de abutres do gênero *Gyps* devido ao uso de antibióticos (diclofenaco) no manejo do gado. Entre estes impactos, estão os culturais, uma vez que essas aves carniceiras representam Jatayu, o abutre de Deus na mitologia hindu.

A propriedade intelectual, cultural, científica e mesmo sagrada de sociedades indígenas e tradicionais deve ser transformada em uma questão central de debate nos grandes encontros político-científicos, caso contrário será privatizada pela indústria e usurpada de seus detentores (POSEY, 1999). Daí a importância de uma prática pedagógica pensada e planejada para um novo ativismo ecológico, um que seja ambiental e espiritualmente voltado para trazer a magia da conexão com a natureza de volta à vida humana. Como bem salientam Lovatto et al. (2011),

Educação Ambiental deve, portanto, ir além das atividades práticas e teóricas; deve empenhar-se urgentemente no exercício da contemplatividade, pois é imprescindível que vá além daquilo que pode ser visto e tocado. É fundamental que se trabalhe EA a partir da espiritualidade no sentido original da palavra. A ecologia espiritual assume um importante papel para a compreensão e para a realização da educação ambiental, pois conduz a um nível de consciência ecológica que faz com que os seres humanos reinterpretem-se enquanto parte de um todo.

5 REFERÊNCIAS

ARVAY, Clemens. *The biophilia effect: a scientific and spiritual exploration of the healing bond between humans and nature*. Boulder: Sounds True, 2018.

BEKOFF, Marc. *Rewilding our hearts: building pathways of compassion and coexistence*. Novato, CA: New World Library, 2014.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres: dignidade e direito da mãe terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo, SP: Cultrix, 1996.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a 'naturalização' do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambiente & Sociedade*, Campinas, v. 11, n. 2, p. 289-305, 2008.

DE BOER, Lauren. Earthlight vision, mission and principles. *Earthlight Journal for Ecological and Spiritual Living*, Oakland, n. 52, 2005.

LEAL, Priscylla Lins; GALEFFI, Dante Augusto. Ecologia de si: caminho de consciência do ser como expressão da natureza. CONGRESSO NACIONAL DE PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE, 1., 2017, NATAL. *Anais...* Natal: UFRN, 2017. p. 1-6.

LÉVÊQUE, Christian. *A biodiversidade*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

LISBOA, Gabriel. “Você vai bater tambor?”: um estudo da prática de neo-xamanismo na Aldeia Nativa em Belo Horizonte. *Revista Três Pontos*, v. 9, n. 2, p. 1-7, 2012.

LOVATTO, Patrícia; ALTEMBURG, Shirley; CASALINHO, Hέλvio; LOBO, Eduardo A. Ecologia profunda: o despertar para uma educação ambiental complexa. *REDES*, Santa Cruz do Sul, v. 16, n.3, p. 122-137, 2011.

MAFFI, Luisa; DILTS, Ortixia. *Introduction to biocultural diversity*. Salt Spring Island, Canadá: TerraLingua, 2014.

MARCHI, Euclides. O sagrado e as religiosidades: vivências e mutualidades. *História: Questões e Debates*, Curitiba, n. 43, p. 33-53, 2005.

MARKANDYA, Anil; TAYLOR, Timothy; LONGO, Alberto; MURTY, Narsimha; DHAVALAD, Kishore. Counting the cost of vulture decline: an appraisal of the human health and other benefits of vultures in India. *Ecological Economics*, Londres, v. 67, p. 194-204, 2008.

MARQUES, José Geraldo Wanderley. *Pescando pescadores: etnoecologia abrangente no baixo São Francisco*. São Paulo: NUPAUB-SUP, 1995.

METZNER, Ralph. *Ayahnasca: alucinógenos, consciência e o espírito da natureza*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

MONTGOMERY, Pam. *Plant spirit healing: a guide to working with plant consciousness*. Rochester, Bear & Company, 2008.

NAESS, Arne. Los movimientos de la ecología superficial y la ecología profunda: un resumen. *Ambiente y Desarrollo*, Santiago de Chile, v. 23, n. 1, p. 98-101, 2007.

POSEY, Darrell Addison. *Cultural and spiritual values of biodiversity*. Londres: Intermediate Technology Publications, 1999.

PUTOVÁ, Bárbara. Prehistoric sorcerers and postmodern furries: anthropological point of view. *International Journal of Sociology and Anthropology*, Lagos, v. 5, n. 7, p. 243-248, 2013.

SALVI, Luís Weber. *O evangelho da natureza: a ecologia como base da nova era espiritual do mundo*. São Paulo: IBRASA, 2000.

SMITH, Nigel. Enchanted forest. *Natural History*, Nova York, v. 82, n. 8, p. 14-20, 1983.

SOUZA DE PAULA, Samuel. *Práticas bioxamânicas: despertar das capacidades interiores*. 2. ed. São Paulo: Alfabeto, 2014.

STEINHART, Peter. Ecological saints. *Audubon*, Nova York, v. 86, n. 4, p. 8-9, 1984.

TOLEDO, Victor Manuel El paradigma biocultural: crisis ecológica, modernidad y culturas tradicionales. *Sociedad y Ambiente*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 50-60, 2013.

TOLEDO, Victor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. *La memoria biocultural: la importancia ecológica de los saberes tradicionales*. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.

VITEBSKY, Peter. Worlds of the shaman. *Natural History*, Nova York, v. 106, n. 2, p. 32-53, 1997.

Title

Spiritual ecology and biocultural heritage.

Abstract

Spiritual Ecology is seen as a set of spirituality practices linked to ecology, in the sense of internalizing ecological feelings and procedures that come to be seen, in this context, as religious mediation in the search for the sacred. It is expected to contribute to inspire new ways of understanding the relationship between Society and Nature and to stimulate research and management approaches that favor the essential reconnection that goes beyond what can be seen and touched. Hence the importance of a pedagogical practice thought and planned for a new ecological activism, one that is environmentally and spiritually oriented to bring the magic of the connection with nature back to human life.

Keywords

Mystic; Oneness; Biocultural diversity; Shamanism.

Recebido em: 03/03/2020.

Aceito em: 26/03/2020.